

O GLOBO

SEGUNDO CADERNO

SEXTA-FEIRA 14.11.2014
oglobo.com.br

Paralelos entre a Coreia do Norte, a Alemanha e os manifestantes contra Dilma na Avenida Paulista

pág. 8
ARTHUR DAPIEVE



EX-BEATLE BASTIDORES, CLIMA E CRÍTICA DO SHOW DE PAUL MCCARTNEY

págs. 5 (Gente Boa) e 8



Obituário



ÁLBUM DE FAMÍLIA

MANOEL DE BARROS

O grande poeta das pequenas coisas

Manoel de Barros dizia ver-se desta forma: um fazendeiro do Pantanal, que usa bota e chapéu. Que anda no cerrado como quem anda na rua. Que desvia da cobra como quem desvia do automóvel. Que acha uma tristeza profunda no mugido dos bois. Via a si mesmo com essa simplicidade, mas era visto pelos outros como grande poeta. Defendia que os verbos “pegassem delírio”. Por isso, dizia assim: eu escuto a cor dos passarinhos.

E não havia só passarinhos na poesia de Manoel de Barros. Seus versos eram visitados pelas coisas pequenas: lesmas, águas, pregos enferrujados, brejos, pedras. Em sua fazenda, em Corumbá, fronteira de Mato Grosso com a Bolívia, que ficava isolada do mundo durante a cheia, ele observava os ciclos da natureza. E nutriu pelas palavras “o mesmo amor que as lesmas têm pelas pedras.”

Manoel de Barros nasceu em Cuiabá, em 1916, filho do capataz João Venceslau Barros. Viveu por muitos anos em Corumbá, antes de se mudar para Campo Grande. Passava, quando criança, longas temporadas na fazenda do pai. Dessa forma, cresceu perto do chão, com as mãos sujas de terra. Mas recusava o rótulo de “poeta do Pantanal”. “A poesia mexe com palavras e não com paisagens”, explicava.

SUCCESSO TARDIO

Uma experiência marcante com a leitura aconteceu quando Manoel estudou no internato São José, no bairro carioca de



Manoel de Barros
Poeta

“A gente nasce, cresce, amadurece, envelhece, morre. Pra não morrer, tem que amarrar o tempo no poste. Eis a ciência da poesia: amarrar o tempo no poste”

... não fazer nada... simplesmente

Nascido em Cuiabá, autor recluso criou linguagem própria, transformando a natureza e temas ‘sem importância’ em matéria-prima para 18 livros

poeta brasileiro” vivo. O filme “Caramujo-flor” (1989), de Joel Pizzini, ensaio visual baseado na vida e na obra de Manoel, também é responsável pelo reconhecimento tardio.

O sucesso se consolidou na virada para os anos 1990. Em 1989, ganhou o primeiro Jabuti, por “O guardador de águas”. Em 2002, veio o segundo, por “O fazedor do amanhecer”. O autor teve livros publicados em Portugal, França, Espanha e Estados Unidos. Em 1998, recebeu o Prêmio Nacional de Literatura do Ministério da Cultura, pelo conjunto da obra. Suas obras mais conhecidas são “Gramática expositiva do chão” (1966), “O livro das ignoranças” (1993) e “O livro sobre o nada” (1996), nos quais aperfeiçoou o seu “idiolote manolelês arcaico” — linguagem própria criada para transmitir o desregramento dos sentidos. Em 1998, o autor explicou seu processo de escrita ao GLOBO:

— Estou trabalhando com a palavra e aí me vem uma ideia. E por isso não acredito em inspiração, acredito em trabalho. Mas eu também não transformo

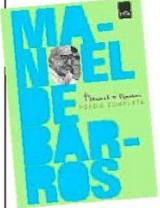
No documentário “Só dez por cento é mentira” (2008), de Pedro Cezar, ele é indagado sobre como gostaria de ser lembrado. Manoel ri, coça o peito, diz que a pergunta é cruel; já mais sério, fala que o único jeito é pela poesia. “A gente nasce, cresce, amadurece, envelhece, morre. Pra não morrer, tem que amarrar o tempo no poste. Eis a ciência da poesia: amarrar o tempo no poste?”

MUDANÇA DE EDITORA

Em fevereiro deste ano, a editora Leya lançou uma caixa com sua poesia completa, composta de 18 livros. Em outubro, os direitos de publicação de sua obra foram transferidos para o selo Alfabeta (Objetiva), que começará a relançá-la em 2015. Dezenas de cartas que o escritor trocou com figuras importantes da cultura seguem inéditas.

Manoel de Barros já vinha com a saúde debilitada há alguns anos. Seus dois filhos homens morreram em 2008 e 2013 e sua filha Martha afirmou que depois da última perda “ele estava se apagando como uma velinha”. Em setembro

Obras principais



“POEMAS CONCEBIDOS SEM PECADO”

Primeiro livro publicado pelo poeta, em 1937, aos 20 anos, reúne suas memórias de infância em prosa poética, já marcada pelo lirismo e pelo humor. O título integra a obra com preta do escritor lançada em 2014 pela Leya.

“COMPÊNDIO PARA USO DOS PÁSSAROS”

Na obra, de 1960, o poeta já mergulha mais profundamente no fraseado da natureza, catando palavras como quem ara cuidadosamente a terra, salpicando os versos com onomatopéias, desmontando a língua para criar sua gramática original.

“GRAMÁTICA EXPOSITIVA DO CHÃO”

Um dos mais lembrados títulos do poeta, publicado em 1966, é considerado uma espécie de “espaço cubista surreal na linguagem”, como lembra a crítica Anna Regina Accioly na apresentação da obra.

“ARRANJOS PARA ASSOBOIO”

No meio do livro (de 1980), Manoel apresenta um “Glossário de transnomações em que não se explicam algumas delas (nehumas) ao menos”. Como “Apêndice”: “Olho é uma coisa que participa do silêncio dos outros/ Coisa é uma pessoa que termina como sílaba/ O chão é um ensino”.

“O LIVRO DAS IGNORANÇAS”

Ao apresentar o livro, de 1993, o editor Ênio Silveira lembrava as tentativas de se tentar rotular Manoel, já consagrado pelo público, como o “Guimarães Rosa da poesia”. “A grande

mechamou seu José, no bairro Carioca da Tijuca. Foi lá que o futuro poeta conheceu os sermões do Padre Antônio Vieira. Neles, viu a beleza que as frases poderiam ter — sua cadência, sua sintaxe bonita. Continuou a ler o padre ao longo de toda a vida.

Formou-se em direito na capital carioca. Aqui, acabou se envolvendo com comunistas. Manoel desiludiu-se com a política quando Luís Carlos Prestes deu seu apoio a Getúlio Vargas, e resolveu viajar. Antes de chegar a Nova York, passou pela Bolívia e pelo Peru. Em entrevistas, contou que foi nessa época que descobriu seu amor pelas coisas sem importância.

O poeta se lembrava de, naquele perí-

odo, não fazer nada — e simplesmente viver. Passava os dias “no meio da indigência”. Tomava a “chicha”, a famosa bebida fermentada de milho feita pelos índios latino-americanos. Na volta para o Brasil, conheceu a mineira Stella e três meses depois já estava casado.

Sua obra demorou a ganhar sucesso junto ao grande público. Em parte, também devido à sua reclusão e timidez. Seu primeiro livro, “Poemas concebidos sem pecado”, é de 1937. Mas o reconhecimento só começou a se desenhar nos anos 1980, quando admiradores famosos, como Millôr Fernandes e Antônio Houaiss, começaram a divulgá-lo. Carlos Drummond de Andrade chegou a declarar que o cuiabano era o “maior

dauto, mas sei também que transmuta palavra em verso, combinar o ritmo com a ressonância verbal, é um dom linguístico. Tenho frases poéticas que são versos. Sei fazer frases.

Manoel ficou famoso também pela sua reclusão. Em uma reportagem do “Jornal do Brasil” de 1988, ele se explicou: “Não tenho boa convivência com a glória. Acho que ela me perturbaria. Preciso muito do escuro”. A timidez também impediu que ele seguisse — felizmente — a carreira no Direito. Em sua primeira audiência como advogado, Manoel vomitou em cima do processo. Outra vez, convidado para fazer uma leitura em um programa de rádio, o poeta desmaiou antes de dizer uma palavra.

ganho como uma venha. Em setembro, a saúde piorou.

Aos 97 anos, o escritor morreu ontem de falência múltipla dos órgãos, depois de passar por uma cirurgia de desobstrução do intestino e ficar internado por cerca de duas semanas no Hospital Proncor, em Campo Grande (MS). O corpo do poeta foi velado no cemitério Parque das Primaveras. Além da mulher e da filha, ele deixa sete netos, cinco bisnetos e uma infinidade de versos a serem descobertos pelas novas gerações. ●

Na página seguinte, Manoel de Barros no teatro, no cinema e em exposição e artigo sobre a linguagem do poeta

poeta ou o grande poeta das pequenas coisas”. Tentativa divertida, mas “inútil”, escreveu Silveira, já que o poeta seguia sendo mesmo um “alquimista do verbo”.

“LIVRO SOBRE O NADA”

Publicado em 1996, nesse livro o poeta reafirma seu uso particular das palavras, batizado por ele de “ídioloito manoiês arcaico”.